

O estrangeiro/imigrante na modernidade: horizonte de tensões externas e internas. Síntese de algumas concepções de Simmel, Elias/Scottson e Freud.

João Carlos Tedesco

Graduação em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (UPF - 1988), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS - 1992) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp - 1998), especialista em economia. Professor titular da UPF, nas áreas de Ciências Sociais e no Mestrado e Doutorado em História.

Todas as sociedades produzem estrangeiros, mas
cada uma os produz de modo particular. (Bauman)

Introdução

No início do capitalismo moderno, vários autores discutiram a figura do estrangeiro, todos tendo como pano de fundo a sociedade ocidental, o capitalismo em última análise, seus elementos constituintes, sua dinâmica evolutiva e conflituosa em termos de aceitação e convivência social. O *Outro*, o imigrante, interno à sociedade europeia e norte-

O estrangeiro/imigrante na modernidade

americana, em geral, mais desenvolvidas, passou a ser objeto do campo sociológico na passagem do século XIX para o XX, até meados desse último quando o capitalismo se consolida nesses espaços. As intensas migrações de população em direção aos grandes centros industriais das primeiras décadas do século XX chamavam a atenção de estudiosos das ciências sociais.

A antropologia, a sociologia, a economia, a demografia e a psicologia se encarregam na empreitada de compreender o estrangeiro, o estranho que vive “entre, por meio de, e, em nós” (MEO, 2007). Transformações imensas na estrutura econômica e política aconteciam na Europa na virada do século, frutos da industrialização crescente, da infra-estrutura de transportes, dos impérios financeiros, das múltiplas identidades que se entrecruzavam, revelando um *mundo em movimento* e, as ciências sociais buscavam dar uma contribuição.

Queremos, nesse sintético artigo⁶³, reconstituir algumas ideias e correntes do pensamento crítico moderno em torno da figura do estrangeiro, em geral, correlacionado e identificado ao imigrante. A intenção é agregar conceitos, mostrar as bases analíticas de um *corpus* de análise social e, também, demonstrar que é em torno de representações e imaginários construídos na História que os grupos humanos vão formando suas concepções, deliberações, aceitações e processos de convivência social. Ou seja, representações sentidas, vividas, em geral, em situação conflituosa, em torno do estrangeiro têm uma longa história. A idéia é mostrar, também, que não obstante, mais de um século ter já se passado, poucas alterações aconteceram nessa realidade, aliás, ao contrário, ao que nos parece, temos cada vez mais dificuldade de conviver e de aceitar os que “são de fora”.

⁶³ Desenvolvemos algumas reflexões sobre a figura do estrangeiro em vários autores, dentre eles os propostos aqui nesse breve artigo, bem como de Alfred Schutz, Park e Merton, Sombart e Bauman. Ver TEDESCO, J. C. *Estrangeiros, extra-comunitários e transnacionais*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2009.

O estrangeiro/imigrante na modernidade

Dividimos o texto em três partes: primeiramente uma discussão sobre o estrangeiro (de Georg Simmel) centrada na crítica da cultura moderna, da constituição da metrópole e o dinamismo do dinheiro como expressão da modernidade; Norbert Elias e Scotson seguem a linha dos processos sociais de construção social da marginalidade, que vão além de fenômenos raciais, de classe, de etnia, mas envoltos em múltiplos outros fatores; os autores falam de um estrangeiro moderno, fruto da mobilidade social, de um estranho no sentido espacial e cultural. Seguimos nessa dimensão, buscando na contribuição da psicanálise freudiana, também uma crítica à modernidade, a qual a figura do estrangeiro também é central, ou seja, personagem esse que agrega um conjunto de sentimentos expressos no racismo, nos preconceitos que o alimentam. O também demonstra processos culturais produzidos na sociedade capitalista e que se alimentam de mecanismos repressivos e de subalternização sócio-cultural; é o mal-estar que a civilização moderna produziu e que tem dificuldade de superação. Enfim, buscaremos mostrar, com uma breve síntese desses três autores, que o estrangeiro na sociedade moderna continua a ser um sujeito que não lhe é permitida a adaptação e o bem-estar, continuando a produzir incertezas, (in)diferenças, políticas de exclusão e controles; um estranho, visto como sem identidade (ou identidade múltipla, não definida, própria da pós-modernidade) e promotor do perigo social, cultural e, em última instância, civilizatório.

Um sujeito ambivalente: o olhar de Georg Simmel.

Começamos com um autor que problematizou a *figura* do estrangeiro num ensaio curto, de não mais que 10 páginas, presente no conjunto de um livro consagrado à sociologia. No entanto, aspectos em torno dessa *figura* perpassam toda a sua

O estrangeiro/imigrante na modernidade

obra e em especial nas circunstâncias em que o autor desenvolve uma contundente crítica à cultura moderna.

O autor escreveu o ensaio sobre o estrangeiro por volta de 1908; foi um dos primeiros teóricos preocupados com as *formas sociais* que a metrópole moderna produzia. O centro de sua análise é a cidade grande, é a Berlim que se modernizava, atraía, diferenciava e crescia sob a égide do capitalismo e de sua dinâmica mercantil, em especial, guiada pela lógica do dinheiro, pela intensa migração e pelas inovações tecnológicas. O autor cita exemplos de judeus, comerciantes, profissionais liberais, dentre outros, inseridos em várias sociedades, como os ditos “estrangeiros”.⁶⁴ A questão do estrangeiro revela o olhar sensível e fino de Simmel ao mundo em *movimento* com a modernidade, com o capitalismo ganhando corpo, com o metropolitismo padronizando a vida urbana, massificando ações, gostos e consciências, com as reações dos indivíduos, sua resignação e contraposição (WAIZBORT, 2000).

No referido ensaio, o autor define o lugar singular do estrangeiro no espaço físico, no campo social e simbólico. O estrangeiro participa e provoca um cenário que une dimensões contrárias: pertencimento e ruptura, alteridade e desejo de participar, distanciamento e proximidade, socialização e dessocialização (RAPHAEL, 1986, p. 257); um sujeito ambivalente, próprio da modernidade, que provoca mobilidade na fixidez e, ao mesmo tempo, distância e proximidade sem ser ou querer ser um pertencente da/na cultura e sociedade hospedante. Por isso que o estrangeiro, nesse sentido, é um sujeito-síntese (como o é a modernidade), uma *configuração* entre familiaridade e estranhamento, emoção/afetividade e indiferença, engajamento e liberdade, suspeição e perigo; é um *recém-chegado* e que terá de definir sua situação/localização e

⁶⁴ Desenvolvemos aspectos do pensamento de Simmel com relação à modernidade em TEDESCO, J. C. *Georg Simmel e as sociabilidades do moderno: uma introdução*. Passo Fundo: UPF Editora, 2006.

O estrangeiro/imigrante na modernidade

representação no mundo; alguém que tem grande tendência de permanecer nas *margens*, uma vez que seu mundo natural é outro e a sociedade de acolhimento não consegue lhe assegurar inclusão, mas que atrai e está no centro das atenções (TEIXEIRA, 2000).

Para Simmel, o estrangeiro guarda para si elementos de indiferença e envolvimento. Pertencer ao grupo não significa ser considerado como parte integrante (POLLINI; SCIDÀ, 2002). O conflito é constitutivo da relação com o estrangeiro; é a mola que movimenta e sustenta a existência social; é um elemento ativo e ambivalente de socialidade, em especial em sociedades que ganham feições multiculturais (SIMMEL, 1977). O estrangeiro é alguém portador de uma diversidade cultural, que está numa posição externa e marginal em relação aos elementos centrais da comunidade de destino, mas produz uma função positiva: sua presença reforça os vínculos internos à comunidade (cria genericamente uma cultura, um pertencimento, um “nós” e um “eles”), sua identidade define seus confins. Por isso que os seus processos de exclusão definem o seu grau de inclusão. “Em nível individual, a relação com o estrangeiro suscita, contemporaneamente, fascínio e medo da diversidade, atração pela novidade e temor pela instabilidade e a precariedade que o novo pode provocar” (PERRONE, 2005, p. 54).

O estrangeiro também está exposto ao risco econômico, no mercado de trabalho, na lógica do dinheiro; é o que não tem vínculos, é móvel e imprime relações ocasionais, objetivas; não possui vínculos afetivos, parentais, nem redes sociais, isso pode lhe conferir liberdade, objetividade e exposição aos limites, à fragilidade e aos riscos. É aquele cidadão “que não é daqui e está ali”; é um sujeito da unidade, da distância e da proximidade; representa a mobilidade que nos intriga e pode nos invejar; é uma “não-relação” (não se conhece e não se reconhece, está no espaço de outrem, está perto e longe), sua

O estrangeiro/imigrante na modernidade

presença reafirma nossa singularidade e diferença, bem como, e em razão disso, os processos de exclusão e marginalização social (WAIZBORT, 2000).

O estrangeiro está na correlação com o imigrante, está na dimensão da aventura; é aquele que extrapola o seu contexto, o que já viveu, afasta-se, desloca-se, sai da segurança e a cruza com a insegurança, passa do calculável ao incalculável, aposta no destino, em algo que não lhe transmite segurança imediata, afronta-o, permite viver a intensidade do suspense, é a vida que se realiza para além do premeditado e das causalidades. O imigrante é esse sujeito que deixa pra trás muita coisa, os seus, as certezas construídas até então, projeta-se e desloca-se em múltiplos âmbitos, não apenas o físico, mas objetiva retornar, aproximar-se mais por meio do distanciamento, para sentir-se e subjetivar-se; corre riscos, incorpora situações desfavoráveis, afasta-se do real, intenciona congelá-lo para melhor tê-lo posteriormente (SIQUEIRA, 2009).

O estrangeiro é objeto e causa de mudanças sociais, por isso sua dimensão de proximidade e distância, ou melhor, síntese de opostos que podem se complementar, sintetizar-se e unificar-se.

A unificação de proximidade e distância envolvida em toda a relação humana organiza-se, no fenômeno do estrangeiro. [...]; a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição de estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade, está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação (SIMMEL, 1983, p. 182).

Enfim, de uma forma sintética, Simmel faz do estrangeiro um sujeito produtor de conflitos, pois pode fazer o grupo pensar que sua identidade é mais fluída e menos coesa e tenaz, mais livre, pode alterar as substâncias que davam a idéia do “estar seguro em casa”; expressa um sujeito com um olhar afastado, com liberdade de juízo, imparcial e objetivo e que pode produzir

O estrangeiro/imigrante na modernidade

estrangeirice no grupo de inserção. Para Simmel, a experiência do estrangeiro é produto de um horizonte relacional, historicamente situada no cenário da modernidade envolto num sistema de significados reflexo da cultura que a referencia; é uma figuração sociológica de algo em relação e de representação do outro (o outro, o de fora, o estranho, o bárbaro, o extra-comunitário, o nômade, o cigano...) (TODOROV, 1991), construção relacional e conceitual que se alterou historicamente e continua se modificando em razão das condições socioeconômicas, políticas e identitárias da sociedade. A modernidade será o epifenômeno integrador desse processo por carregar e problematizar elementos centrais como tradição/ inovação, mobilidade/fronteiras, identidades, direitos, liberdade, uso do dinheiro etc. (SIMMEL, 1987). Simmel diz que “a distância no interior da relação significa que o próximo está distante, mas a própria alteridade significa que o distante está próximo” (JOSEPH, 1985, p. 39); encontra-se no horizonte da ambivalência, pois pode tornar-se uma figura central, estimulante e reflexiva das ligações sociais e, também, suspeito e hostilizado; necessidade e risco/atração/repulsão compõem sua performance e estatuto simbólico na sociedade bem como os referenciais que tensionam sua presença (TEIXEIRA, 2000). O estrangeiro é uma categoria de regulação social e de negação da individualidade, expressa o contraditório e a ambivalência no/do meio societal.

A contínua preocupação com os “de fora”: Norbert Elias e Scotson.

O cenário de análise dos mesmos é uma nova zona industrial (vilarejo de cerca cinco mil habitantes) denominada ficticiamente de Winston Parva, no Midlands, na Inglaterra, em meados dos anos 1950, a qual se processava historicamente com profundas fraturas em seu interior (duas de zonas operárias e

O estrangeiro/imigrante na modernidade

uma de pequenos burgueses) devido às dinâmicas de desenvolvimento e progresso que se evidenciavam. Uma das zonas operárias era composta já por três gerações, a outra era mais recente (primeira metade do século XX, durante a Segunda Guerra Mundial, atraída pelo espaço de trabalho na indústria bélica instalada). Espaços variados vão construindo a noção de *velhos e novos residentes*, não obstante, ambos os grupos não se diferenciarem nos âmbitos religiosos, de classe e nacionalidade. A duração de tempo de residência será fator de determinação da lógica da superioridade e inferioridade.

Os autores analisam uma série de elementos como hierarquia social, auto-imagem, estigmatização, orgulho/poder, medo, pertencimento grupal, tradição cultural, temporalidade de existência, anomia (tensão entre grupos “nômicos” e anômicos), estilo de vida, homogeneidade, coesão e solidariedade social entre grupos, submissão e conformidade, prestígio, relações de poder no cotidiano, imagens e símbolos de superioridade, depreciação e inferiorização de outras camadas, imagens estereotipadas e estigmatizadas etc., as quais vão reconfigurando os velhos e novos habitantes do lugar, definindo quem é do local e quem é de fora (estrangeiro) (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 19).

O grupo estabelecido atribuía aos seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo de contato social não profissional com seus próprios; e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como a fofoca elogiosa no caso dos que o observavam, e a ameaça de fofocas depreciativas contra os sujeitos de transgressão (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 20).

A pesquisa dos autores adentra para inúmeros processos e dimensões da vida econômica, social, da urbanização, das intersubjetividades envolvidas (PERRONE, 2005). Nos conflitos em questão, os estrangeiros são vistos como potenciais concorrentes no mercado de trabalho, além disso, vizinhança, convivência, tradições, contatos, redes sociais, usos e costumes,

O estrangeiro/imigrante na modernidade

enfim, códigos não escritos, reproduzidos como “espírito comum” e que unia as famílias dos estabelecidos estavam em perigo. O grande desafio desse grupo, portanto, era dificultar a presença de desconhecidos que se avizinhavam fisicamente e em termos de objetivos de vida principalmente no campo do trabalho.

Abrir mão do prestígio conquistado pelo tempo de permanência no local, da configuração habitativa, da imagem coletiva do grupo, de seu percurso histórico e cultural no referido território, era pedir demais! O estrangeiro desse cenário amedrontava porque era a expressão e a imagem do próprio grupo estabelecido, porém, décadas anteriores, de uma representação negativa.

A existência de um grupo de *outsiders* que não partilha do reservatório de lembranças comuns nem tampouco, ao que parece, das mesmas normas de respeitabilidade do grupo estabelecido age como um fator de irritação; é percebida pelos membros desse grupo como um ataque a sua imagem e a seu ideal de nós. A rejeição e estigmatização dos *outsiders* constituem seu contra-ataque (PERRONE, 2005, p. 21).

O grupo estabelecido lança mão de sua identidade cultural de “radicados”, que os faz se considerar melhor que os externos. Fatores como coesão, historicidade e pertencimento cultural da zona mais antiga vão produzir estruturas coletivas de exclusão do grupo mais novo em diversos âmbitos sociais (direção de clubes, associação religiosas, assistenciais etc.).

As realidades que (dis) posicionam os grupos são configuradas no agir social, as estratégias acionadas vão refletir processos de grupos, “carisma de grupo” (COTESTA, 2002). O *carisma de grupo* expresso pela zona operária mais antiga se fundamenta na própria socialidade construída no decorrer do tempo e se manifesta em processos simbólicos de normatização social, regras, estilos e códigos morais difusos no grupo. Os autores mostram que o processo de valorização de um grupo e a

O estrangeiro/imigrante na modernidade

desvalorização de outro é parte integrante de um único mecanismo simbólico: o intercâmbio e a coesão de códigos culturais.

No caso de diferenciais de poder muito grande e de uma opressão correspondentemente acentuada, os grupos outsiders são comumente tidos como sujos e quase inumanos. [...]. A auto-imagem e a auto-estima de um indivíduo estão ligadas ao que os outros membros do grupo pensam dele (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 40).

Imagens e estereótipos auxiliam na produção de elementos de valorização de um e estigmatização de outros e, também, para a incorporação da identidade negativizada pelo grupo inferiorizado (desqualificação), dificultando a esse adotar estratégias de contraposição. Valores da tradição, das velhas famílias da zona mais antiga, foram se desenvolvendo no interior do grupo como importantes; violar esses valores poderia gerar cólera, hostilidade e desprezo. No convívio, as diferenças passaram a ser demarcadas, configurações de relações vão produzir situações de competição, conflito, diferenciações e, talvez, com o tempo, também processos de acomodação.

O novo chegado não é marginal enquanto se encontra em um outro lugar, mas porque naquele local se encontra um grupo social constituído com suas regras, os seus códigos, a suas distribuição de poder, que não abre as portas aos outros, mas atua ativamente para mantê-los à margem da sociedade. Assim se compreende melhor como o estrangeiro deve permanecer marginal na sociedade que vive e trabalha (COTESTA, 2002, p. 38).

Os autores nos permitem ver como os grupos se pensam, voltam-se pra si mesmos, se auto-representam. Estratégias de dominação dos que se auto consideram “os melhores”, a construção simbólica da auto-imagem de grupos, como “indivíduos superiores” podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes, julgando-se humanamente inferiores (MEO, 2007). A

O estrangeiro/imigrante na modernidade

importância do alto grau de coesão de famílias que se conheciam de longa data caracterizando um carisma de grupo, controles sociais, sentimento de superioridade social. Está presente nesse processo uma espécie de sócio-dinâmica da estigmatização resultante em relação aos recém-chegados como arma para manter a superioridade social de um grupo.

Os autores deixam claro que o dito “carisma de grupo” se constrói pela coesão, sujeição de condutas a padrões específicos de controle dos afetos (COTESTA, 2002).

O orgulho por encarnar o carisma do grupo e a satisfação de pertencer a ele e de representar um grupo poderoso [...] estão funcionalmente ligados à disposição dos membros de se submeterem às obrigações que lhe são impostas pelo fato de pertencerem a esse grupo (ELIAS; SCOTSON, 2004, p. 48).

Esse processo implica em uma lógica rígida de afetos, vigilância em relação à busca de mérito, sacrifício e submissão às normas grupais, profunda consciência de pertencimento grupal, processos sociais de desqualificação dos outros grupos considerados anômicos, que desrespeitam as normas e tabus coletivos, produzem e disseminam doenças, são indisciplinados, desordeiros, ignorantes, imorais, sujos, inumanos, ruins e barulhentos. É necessário produzir insultos, envergonhamento, marginalização, tratamento com frieza, exclusão em cargos de representação social, estereótipos, para servir de instrumentos de poder e de produção de representações sociais negativadas. Nesse sentido, surge e é produzida uma “hierarquia classificatória” (ELIAS; SCOTSON, 2004, p. 166) dos grupos, das famílias e da ordem de status de uma comunidade e que influencia a vida cotidiana comunitária. A construção da identidade do grupo dos mais “antigos” passa a ser fundamental para expressar a importância dos mesmos e legitimar a exclusão dos novos chegados. A legitimidade da noção de “velhas famílias” se dá, também, pelo horizonte das “famílias conhecidas” em sua localidade e que se conhecem há várias

O estrangeiro/imigrante na modernidade

gerações; significa que quem pertencer a uma família antiga, segundo os autores,

não apenas tem pais, avós e bisavós como todo o mundo, mas que seus pais, avós e bisavós são conhecidos em sua comunidade, em seu meio social e são geralmente conhecidos como pessoas de bem que aderem ao código social aceito desse meio (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 171).

Nesse horizonte migratório, os autores percebem os mecanismos de inclusão/exclusão que se configuram nas relações entre radicados e externos, vistos também como expressão de processos mais amplos das sociedades, as suas diferenciações internas, tradições, valores e estruturas internas, competições, lutas internas, antipatias, interdependências, redes de famílias e seus recursos, considerados legitimadores de poder e de proteção sócio-cultural e espacial (ELIAS; SCOTSON, 2004). São esses mecanismos de exclusão e estratégias de diferenciação que fazem com que, através da chegada dos novos moradores, os estabelecidos adquiram prestígio e honorabilidade; submeter, envergonhar, desprezar e difamar transfere poder e superioridade aos outros. O poder de estigmatizar reforça a dominação e a superioridade do grupo estabelecido; é importante criar contrapontos para se legitimar no espaço e nas relações sociais (MEO, 2007).

Os autores mostram como o “externo” é uma relação social, é uma construção social, produto sócio-espacial; no caso específico, uma categoria social *perigosa*, considerada anômica, invasora de um espaço já ocupado, reservado a um determinado grupo em sua evolução dinâmica; é um outro dentro de um “nós”/grupo e a estranheza co-habitando e gerando obstáculos, inquietudes, ânsia e preocupação a uma condição de bem-estar geral (BAUMAN, 2002).

Enfim, os autores nos oferecem com uma excelente reflexão sobre a socialização/sociabilidade na modernidade, baseada na velocidade de ambas (como suas marcas), uma

O estrangeiro/imigrante na modernidade

sociedade industrial que andava rápido e uma sócio-cultura que, de certa forma, não a acompanhava, estratégias de proteção e de enfrentamento, bem como relações e tensões sociais na promoção da inserção e convivência entre grupos na sociedade atual.

O estrangeiro e a psicanálise: o *outro* como necessidade de auto-afirmação, projeção e negação do sujeito.

Freud, em seu magnífico texto sobre “O mal-estar na civilização” (FREUD, 1997), bem como outros de seus escritos de psicanálise e suas inúmeras correspondências, revelou e desenvolveu a categoria do estrangeiro. O autor busca compreender as formas e manifestações dos próprios sentimentos, das externalidades do subjetivo singular e como essas são incorporadas ou evitadas em determinados espaços sociais.

Freud viu que há uma permanência, na modernidade, quase como uma marca, do horror ao estrangeiro. Como judeu e migrante que era, sentiu na pele esse processo, esse horror ao estrangeiro que está no fundo do homem e se reproduz nas relações sociais, criando formatos culturais, situações de estranheza ao que não é similar e é difícil assimilar e assumir (KOLTAI, 2005). Freud falou muito sobre civilização e cultura moderna do ponto de vista da psicanálise; o “mal-estar”, no plano coletivo, é o resultado da ambivalência dos sujeitos em relação àquilo que os humaniza ou desumaniza (FREUD, 1976).

A teoria psicanalítica nos mostra que o mais próximo e íntimo é justamente o que nos é mais longínquo, estranho e inacessível (na análise da *psicopatologia da vida cotidiana*, o autor desenvolve isso muito bem), é o que nos provoca maior alienação no sentido de estranheza e marginalidade. Buscamos

O estrangeiro/imigrante na modernidade

no estrangeiro uma explicação e um culpado pelos nossos limites diz Freud (1997), colocamos no outro o próprio inaceitável (CEREJIDO, 2008). “O estrangeiro, diz o senso comum, é o Outro. Outro que se afirma em muitos sentidos: outro país, outro lugar, outra língua, outro modo de estar na vida, de fruir, de gozar” (SOUZA, 1998, p. 155).

Para a psicanálise, o estrangeiro é o eu paradoxal, diferente de si mesmo, o que vai por outra direção, não segue a norma, que não tem fronteiras, que é estranho para os outros e, por isso, para si mesmo; é o que inquieta e problematiza o que estava ou era por demais familiar e/ou aparentemente conhecido, o que balança a aparente firmeza da *casa*.

Freud é claro no texto “*o mal estar....*” que modernidade no mesmo momento em que descobriu a alteridade, a rejeitou e/ou a dificultou, tornando-a problemática no meio social. Mas, ao mesmo tempo, revelou que somos estrangeiros para nós mesmos, pois habitam dentro de nós dimensões de alteridade que não conhecemos, estranhezas dentro de nosso próprio *ninho* (KRISTEVA, 1994). Buscamos eliminar a estranheza no estrangeiro, pois ele contém a alteridade que nos ameaça, antes mesmo que a reconhecemos como própria, como nossa mesmo. Por isso, sentimentos e práticas de separação, apagamento do *outro* e a intolerância, como se os “descobertos”, os estranhos e estrangeiros, não conseguissem responder às prescrições do tempo da modernidade (KOLTAI, 2005).

Para Freud, a dinâmica social é um encontro trágico, obriga-nos a compreender que os outros existem não como objetos possíveis de nossa satisfação, mas como sujeitos de seus desejos. O *outro* é sempre suspeito, quer nos invadir, introduzir-se em nosso interior, usufruir-nos, tornar-nos culpados, provocar-nos a vergonha, a dúvida (KOLTAI, 2005, p. 37). Por isso que estrangeiros são os que permanecem fora do grupo, significa automaticamente segregação (em latim *segregare*,

O estrangeiro/imigrante na modernidade

“separar do rebanho”), negar a própria condição humana ao *outro* (KOLTAI, 1998). Nessa dimensão, rejeitando o estrangeiro, estamos seguros de não sermos contaminados por ele, de nos identificarmos com sua identidade e nem sermos auto questionado; “o estrangeiro faz mal àquele que recusa a interrogação, pois justamente, o papel do outro em sua pura alteridade, do estrangeiro, é sempre questionar nossas certezas” (ENRIQUEZ, 1998, p. 40).

O estrangeiro, para o autor do *Mal-estar...*, está na relação com a dimensão do gozo, do prazer no desprazer. O estrangeiro é esse representante do gozo (KOLTAI, 2005), de um gozo que, em vez de fascinar, amedronta, como algo desagradável e que merece estar distante, para isso se deprecia, fragiliza e não tolera o Outro, o sujeito do gozo, o diferente; evita-se o gozo do outro afastando-o, desqualificando-o. O racismo e o ódio pelo estrangeiro andam juntos, alimentam-se como traços da sociedade humana, como expressão de que não podemos nos constituir sem excluir, desvalorizar, quando não odiar o outro (KRISTEVA, 1994). Desses elementos e concepções, constituem-se na modernidade, valores sociais, concepções sobre a alteridade, as diferenças, de bom e de mau, de negação e/ou inferiorização do outro, tensões de convivência, intolerância e dificuldade de reconhecimento (ARENDDT, 1989).

Freud desenvolve a idéia de que a fraternidade está fundada na segregação, o amor do semelhante, no ódio ao diferente. O estrangeiro ocupará o lugar daquele que não merece o meu amor; dualismo pulsional que faz com que o desejo de destruição seja frequentemente erotizada, aliando-se à sexualidade (KOLTAI, 2005). A lógica da segregação se produz nessa dimensão. “Nesse jogo entre Eros e Tanatos, para escapar à autodestruição, o indivíduo é levado a destruir o outro, ainda que sua necessidade de amor contrarie essa pulsão” (KOLTAI, 2000, p. 39 e 40). Freud (1976) problematiza e questiona o

O estrangeiro/imigrante na modernidade

axioma religioso do “amarás teu próximo como a ti mesmo”; além de estranhar esse mandamento, se pergunta “quem é esse próximo a quem devo amar como a mim mesmo?” Na psicanálise, o fundamento do amor, do amar-se é o narcisismo, é o amar-se a partir ou com o amor dos outros; melhor seria, diz Freud, “amar o teu próximo como este te ama”.

A psicanálise rompeu com o reino do racionalismo ao identificar o lugar e os efeitos do outro dentro de nós (ENRIQUEZ, 1998). Freud demonstrou que o outro é estrangeiro e íntimo ao mesmo tempo, pois sua presença não passa despercebida, está na consciência da minha identidade, produz-se como alteridade (FERREIRA, 2005, p. 155); daí advém a noção de intruso personificado no imigrante como alguém que vem romper com o familiar, o assentado, a tranquilidade; o eu que, em sua presença, refuta a alteridade. É por isso que a segregação está sempre próxima do gozo, do “além do princípio do prazer” de que fala Freud; esse nos inquieta no Outro, no diferente, na forma diferente da felicidade do outro (KOLTAI, 2008). O estrangeiro é o estranho que nos habita e que pouco sabemos; é o nosso inconsciente (FREUD, 1987). No encontro do estrangeiro/imigrante com seu hospedeiro há resistência para a alteridade do outro, pois implicaria em sair de si, abrir-se à nova cultura. Kristeva (1994, p. 68) indaga se, frente a presente integração econômica e política da globalização, “poderemos viver subjetivamente e próximos com os outros, viver os outros, sem nos fecharmos, mas sem nivelamento?” Diz a autora que a mudança na condição de estrangeiro implica refletir sobre a nossa capacidade de aceitar novas formas de alteridade.

Diz o pensador que:

não é tão fácil aos homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão. Sem ela, eles não se sentem confortáveis. As vantagens que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a esse instinto um escoadouro sob a forma de hostilidade contra

O estrangeiro/imigrante na modernidade

intrusos, não é nada desprezível. É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade. [...]. O natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra um, se opõe a esse programa da civilização. Esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo. A agressividade é introjetada, internalizada; ela é, na realidade, enviada de volta para o lugar de onde proveio, isto é, dirigida no sentido de seu próprio ego. Aí, é assumida por uma parte do ego, que se coloca contra o resto do ego, como superego, e que então, sob a forma de “consciência”, está pronta para por em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos, a ele estranhos (FREUD, 1997, p. 71,81 e 83).

Enfim, podemos dizer que expor-se, exteriorizar-se é, ao mesmo tempo, estranhar-se e ser estranhado (KRISTEVA, 1994). Ao aproximar-se do Outro, o estranhamento se produz. Tentar fugir ao que não nos é familiar é uma estratégia comum. “O estrangeiro vive neste espaço de transição. A transitoriedade dificultará a adaptação e a organização da vida: trabalho, moradia, relações sociais e afetivas, tudo terá contornos imprecisos e frágeis” (KOLTAI, 2005, p. 180). Por isso, o migrante, em geral, projeta sempre em retornar ao seu espaço de origem. A provisoriedade justifica muitas coisas, mas não lhe faz bem, é produtora de conflitos, tensões, temores e transição. A alteração desse quadro de conflitos acontecerá com o tempo, quando houver uma maior identificação e assimilação no espaço que até então o hospedou. Para Freud, a modernidade, ao centrar o horizonte da razão, produziu a des-razão, um “mal-estar”, uma impotência para enfrentar o diferente, o que se apresenta como estranho e que balança nossa prévia segurança. O estrangeiro é esse ícone do conflito.



O mundo moderno tem dificuldade de conviver com o estrangeiro; a globalização intensificou o processo de mobilidade e a realidade de resistência ao estrangeiro também.

A ilustração revela os conflitos cotidianos existentes no Sul da Itália, em 2010, em que milhares de imigrantes saíram às ruas protestando pelos maus tratos e pelas condições precárias de vida. Ilustração de Tony Vece, EFE.

Fonte: *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 12 de Janeiro de 2010, p. 30.

Enfim, o estrangeiro/imigrante e a anti-razão da modernidade

Bauman (1999), em correspondência com autores vistos até então e incorporando a modernidade no contexto da globalização, fala que o estrangeiro continua sendo um sujeito não adaptado ao mapa cognitivo da sociedade atual e tende a oferecer obstáculos à realização de uma condição de bem-estar, disseminando incertezas e, nesse sentido, em termos de ações, políticas nacionalistas e racistas tendem a afastar grupos estrangeiros, como sempre aconteceu em vários períodos históricos, porém, com um agravante: o período atual vende a imagem e a simbologia de um mundo único, de fronteiras abertas e deslizantes, do multiculturalismo como valor social. O autor mostra que o mundo atual continua, paradoxalmente, alimentando diferenças e/ou indiferenças lingüísticas, culturais, de cidadania, exclusões e controles. Os estrangeiros se tornam discretos e apenas percebidos, estranhados e/ou (in)diferentes, sujeitos sem razão, são, em muitos aspectos, a justificativa das

O estrangeiro/imigrante na modernidade

muitas incertezas sociais e que a própria modernidade produziu (BAUMAN, 2002).

Nesse contexto, continua a existir a profunda e difundida correlação entre imigrante estrangeiro e perigo, quando não acrescido da imagem entre terrorismo e imigração. O imigrante visto como causa de insegurança. O 11 de Setembro nos EUA, com os conhecidos atentados às torres gêmeas, reforçou e/ou legitimou essa representação. O estrangeiro/imigrante passou por redefinições em sua aceitação e inserção nas sociedades nacionais, em particular nos Estados Unidos da “era Bush”. Produziu-se, com isso, uma *indústria do medo* expressa midiaticamente e por ações de gestão e controle do Estado nos espaços de destino dos fluxos em nível mundial, a qual se alimenta da construção simbólica do inimigo. Na Europa, por exemplo, a categoria de extra-comunitário serviu para implementar ações políticas e para produzir um “nós” e um outro, produzir alteridades, sujeitos *de fora*. Essa realidade cultural e burocrática tende a produzir distância social, abstrações, bloqueio da comunicação e desumanização.

O estrangeiro, como vimos pelos autores sinteticamente analisados, está na dimensão da diversidade e, essa, tornou-se também um problema político, social e cultural; expressa a crise da modernidade principalmente no que tange ao horizonte identitário, tão caro à modernidade principalmente em seus aspectos ligados ao igualitarismo, universalismo, assimilacionismo, no conhecimento recíproco, da tolerância e da razão.

Autores colocam que o racismo e nacionalismo lutaram contra o estrangeiro e sua assimilação. O europeísmo, ou o ocidentalismo etnocentrista produziu uma luta pela originalidade e diferença cultural. O estado-nação produziu, jurídica e politicamente, a figura do *nacional* e, por conseqüência, a do estrangeiro e do “de fora”. No entanto, produziu, também,

O estrangeiro/imigrante na modernidade

valores característicos da modernidade como tecnologia, industrialização e racionalidade econômica. A não-inserção a esse processo significou atraso, privação e penalização, atribuídos e imputados a nações e a pessoas comumente as que passam a fazer parte da categoria de *estrangeiros* (SPM, 1998). As legislações e as medidas restritivas à imigração tendem ser mais eficazes em produzir representações sociais contra os imigrantes no interior das sociedades hospedeiras e torná-los inferiorizados e potencialmente criminosos (MARTINE, 2005). Nesse sentido, Bauman (1999) conseguiu apreender essa nova realidade social definindo-a, aos moldes dos críticos da modernidade, como a da “sociedade da incerteza”, das “vulnerabilidades de grupos sociais na atualidade”. Nessa sociedade, os imigrantes e as minorias étnicas expressam e são vistas, em geral, como as grandes responsáveis pelas mazelas e rupturas da coesão e integração social; seriam a causa da precarização social que caracteriza o dito pós-fordismo nas economias desenvolvidas e a exclusão social nas sociedades empobrecidas.

Nesse mundo mais *aberto*, institui-se uma luta também mais aberta entre nações, culturas, religiões, raças; definem-se quem/quais são “moralmente superiores”, quem pertence ao “eixo do mal”, ao “exército do mal”. O discurso xenófobo alimenta ações e batalhas políticas contra direitos sociais, políticos e de cidadania aos imigrantes e a alguns em especial como os muçulmanos e ciganos; os imigrantes se tornam mais sujeitos a defender-se do que defendidos pela esfera pública (CORTE, 2002).

Segundo Simmel (1987), a solidariedade que unia o indivíduo à sociedade e ao seu grupo de pertencimento na sociedade tradicional, com a economia monetária e o desenvolvimento da técnica, principalmente nas metrópoles modernas, rompeu-se, porém, produziu, de um lado, liberdade

O estrangeiro/imigrante na modernidade

pessoal, por outro lado, a dependência, sendo que essa aumenta e se alimenta reciprocamente com o distanciamento da subjetividade (SOUZA; OELZE, 1998). A modernidade redefine tempos e espaços; ambos envoltos na noção de movimento e indefinição. Proximidade e distância no espaço vão auxiliar na diferenciação dos conteúdos e sujeitos no meio social. Estranheza e/ou intimidade são fatores espaço-psicológicos e relacionais; aproximar pode significar afastar (MEO, 2007). O aumento da proximidade revela e produz a estranheza e, ao mesmo tempo, a distância.

O racismo, como vimos na análise baseada em Freud, envolve distinção, desejo de dominação, hierarquização, superioridade/inferiorização e os inferiorizáveis; é uma dimensão que envolve raças, eugenia (boa descendência, “de origem”), pertencimentos genéricos e falaciosos que deixa ambos (imigrantes e autóctones) ancorados à uma história, a um futuro, a um passado fora do lugar (como vistos em Elias e Scotson). Esse processo, em suas concepções políticas e culturais, faz do país de destino dos imigrantes uma instância de auto-defesa, de necessidade de gestar a dita “emergência imigratória”, de combater o tráfico de imigrantes, à emigração clandestina, às ameaças (de potenciais invasores, de terroristas), uma espécie de cirurgia social que separe pessoas e grupos sociais, tolerância zero aos inimigos da civilidade. Estratégias de dominação dos que se auto consideram “os melhores”, a construção simbólica da auto-imagem de grupos, como “indivíduos superiores” podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes, julgando-se humanamente inferiores. Politicização e policização são, também, suas características comuns. As migrações passam a ter um papel contraditório e antagonista com respeito à nova ordem mundial (HARRIS, 2000). Em alguns países de destino dos fluxos (Itália e Espanha em

O estrangeiro/imigrante na modernidade

especial), o *welfare* cedeu espaço para o *warfare*. A criação das ditas *politiche di stop* e de estados de exceção, em que prevalece uma guerra declarada ao fenômeno imigratório, revelam as contradições das políticas e do desenvolvimento do capitalismo, as quais fazem com que os pobres que sobram da grande parte do mundo pobre (novo *exército de reserva*) enriqueçam e sustentam as partes ricas e os ricos dos países de atração dos imigrantes (BAUMAN, 1999).

Porém, movimentos de resistência e recuperação de autonomia, de diferença, de tentativa de salvaguardar valores operam dentro e fora da modernidade europeizante. O *villagio globale* torna inevitável o desenvolvimento de processos pedagógicos educativos sensíveis às diversas culturas, um encontro com a diversidade não só em relação ao estrangeiro, o imigrante, mas que se ambienta num campo bem mais amplo. Falar em diversidade hoje deve necessariamente compreender um horizonte amplo em termos de estrutura social, de intercultura e suas manifestações (língua, símbolos, ritos, tradições...), das formas variadas de racismo (cultural, de classe, de diferenças...). “A evolução em direção a uma civilização planetária respeitosa e promotora da diferenças é um problema de natureza educativa nova que saiba integrar cada sujeito no mundo multicultural, sem anular as peculiaridades de cada um” (DUSI, 2000, p. 50).

A imigração e sua associação com a figura social do estrangeiro, desse modo, apresentam-se como um processo, como um fenômeno não-estático (SPM, 1998), construído socialmente por meio de interações entre grupos e forças sociais; apresentam-se também como conexão entre níveis micro e macro da produção dos fenômenos sociais e dos processos que fazem a mediação entre aspectos estruturais e ações individuais.

O estrangeiro/imigrante na modernidade



Foto Agência Reuters/Robert A. Reed - 10.4.2006

Manifestação de imigrantes em frente da Casa Branca – Washington -, em protesto contra as políticas de imigração implementadas pelo governo Bush. O descontentamento dos imigrantes é um dado geral em vários países de maior fluxo, principalmente em torno do reconhecimento jurídico e da cidadania social. Fonte da ilustração: Agência Reuters/Robert A. Reed, 10/04/2006, apud *Revista Estudos Avançados*. São Paulo/USP, n. 57, p. 11, 2006.

Bibliografia

- ARENDDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BAUMAN, Z. *Dentro la globalizzazione. Le conseguenze sulle persone*. Roma-Bari, Laterza, 1999.
- BAUMAN, Z. *La società dell'incerteza*. Bologna: Il Mulino, 1999.
- BAUMAN, Z. *Modernità liquida*. Roma-Bari: Laterza, 2002.
- CEREJIDO, F. B. O olhar sobre o estrangeiro. In: *Ide. Revista de Psicanálise e Cultura*. São Paulo, 31 (47), p. 61-65, 2008.
- CORTE, M. *Stranieri e mass media. Stampa, immigrazione e pedagogia interculturale*. Padova: Cedam, 2002.
- COTESTA, V. *Lo straniero*. Roma-Bari: Laterza, 2002.
- DUSI, P. *Flussi migratori e problematiche di vita sociale*. Verso una pedagogia dell'interculturalità. Milano: Vita e Pensiero, 2000.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Strategie dell'esclusione*. Bologna: Il Mulino, 2004.
- ENRIQUEZ, E. O judeu como figura paradigmática do estrangeiro. In: KOLTAL, C. (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1998, p. 37-60.
- FERREIRA, A. P. A psicanálise no terreno do outro. In: NETO, H. P.; FERREIRA, A. P. (Orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 155-161.
- FREUD, S. "O estranho" [1919]. *Obras Completas*. V. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. *Luto e melancolia*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- HARRIS, N. *I nuovi intoccabili. Perché abbiamo bisogno degli immigrati*. Milano: Il Saggiatore, 2000.
- JOSEPH, I. *Le passant considérable*. Paris: Librairie des Méridiens, 1985.
- KOLTAL, C. A segregação, uma questão para o analista. In: KOLTAL, C. (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1998, p. 105-111.
- KOLTAL, C. Migração e racismo: um sintoma social. In: NETO, H. P.; FERREIRA, A. P. (Orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 175-181.
- KOLTAL, C. *Psicanálise e política. O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 2000.
- KOLTAL, C. Racismo: uma questão cada vez mais delicada. In: *Ide. Revista de Psicanálise e Cultura*. São Paulo: 31 (47), p. 66-69, 2008.
- KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- MARTINE, G. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no séc. XXI. In: *Travessias na de\$ordem global*. São Paulo: Paulinas, p. 37-75, 2005.
- MEO, M. *Lo straneiro inventato*. Riflessioni sociologiche sull'alterità. Milano: Franco Angeli, 2007.
- PERRONE, L. *Da straniero a clandestino*. Napoli: Liguori, 2005.
- POLLINI, G.; SCIDÀ, G. *Sociologia delle migrazioni e della società multiétnica*. Milano: Franco Angeli, 2002.
- RAPHAEL, F. "L'étranger" de Georg Simmel. In: WATIER, P. (Sous la direction de). *Georg Simmel. La sociologie et l'expérience du monde moderne*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1986, p. 257-279.
- SIMMEL, G. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, E. (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- SIMMEL, G. *Philosophie de l'argent*. Paris: PUF, 1987.
- SIMMEL, G. *Sociologia: estudos sobre las formas de socialización*. Madrid: Castilla, 1977.
- SIQUEIRA, S. *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil-Estados Unidos*. Belo Horizonte, Argumentum, 2009.
- SOUZA, J. ; OELZE, B. (Org.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: UNB, 1998.
- SOUZA, N. S. O estrangeiro: nossa condição. In: KOLTAL, C. (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1998, p. 155-163.
- SPM. VÁRIOS AUTORES. *O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TEDESCO, J. C. *Estrangeiros, extra-comunitários e transnacionais*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2009.
- TEDESCO, J. C. *Georg Simmel e as sociabilidades do moderno: uma introdução*. Passo Fundo: UPF Editora, 2006.
- TEIXEIRA, C. C. (Org.). *Em busca da experiência mundana e seus significados: Georg Simmel, Alfred Schutz e a Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- TODOROV, T. *Noi e gli altri*. Torino: Einaudi, 1991.
- WAIZBORT, L. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000.

Palavras-chave:

Estrangeiro,
modernidade,
imigração, estigmas
sociais.

Resumo: O artigo analisa, através de revisão de literatura, concepções de alguns autores (Simmel, Elias/Scotson e Freud) sobre a noção de estrangeiro na modernidade; analisa e correlaciona a referida noção ao seu contexto histórico, problematizando suas concepções o referenciando-as com representações e estigmas sociais. O artigo localiza aspectos do atual do fenômeno das migrações internacionais na Europa mostrando com essa figura do estrangeiro continua sendo problemática e um grande desafio para a convivência social contemporânea.

Keywords :

Foreing;
modernity;
immigrations;
social stigmas.

ABSTRACT: The article analyzes, throughout the revision of literature conceptions of some authors (Simmel, Elias/Scotson and Freud) about the relation of the foreing in the modernity; analyzes and relates this fact to its historical context. Making these conceptions a problem or refering them with representation and social stigmas. This article finds actual aspects of event of the international migrations in europe, showing with this figure of foreing is still a problem and a big challenge for the contemporary social living.